



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GEÓRGIA BALARDIN

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-399

Entrevistada: Geórgia Balardin

Nascimento: 19/12/1995

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte - CEME

Entrevistadora: Bruna Tomaschwski Perla e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 25/03/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 19 minutos e 20 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o Programa Mulheres e Futebol desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Escolinhas de futebol que frequentou; O primeiro clube; Competições que participou; Patrocinadores; O futebol nos EUA; Convocação para a seleção brasileira; Dificuldades durante a carreira; A família; A carreira como profissional de Educação Física; A carreira no futebol profissional;

Porto Alegre, 25 de março de 2014. Entrevista com Geórgia Balardin a cargo das pesquisadoras Bruna Tomaschski Perla e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.P. – Como foi a tua primeira aproximação com o esporte?

G.B. – Eu comecei a jogar futebol desde muito nova. Com cinco anos eu já tinha interesse pela bola, eu via uma bola e já queria chutar. No entanto eu não tinha participado de nenhum jogo. Eu sempre ficava olhando os guris, não havia meninas que jogavam, era apenas eu. [risos] Então quando eu chutava, era eu sozinha mesmo. Eu moro em um condomínio, quando eu tinha seis anos de idade meu amigo me convidou para jogar e a partir daí eu me interessei muito pelo futebol. Entrei na Escolinha da Duda¹, em Porto Alegre. Foi a partir de um amigo meu que começou tudo. Agradeço a ele inclusive.

P.J. – Com que idade tu entrou na Escolinha?

G.B. – Com seis anos de idade.

P.J. – Essa Escolinha era específica para meninas?

G.B. – As turmas são separadas entre meninas, uma hora de treino, normalmente, bem específico, meia hora de técnico-tático e meia hora de jogo, na Escolinha é assim. Joguei durante seis anos nessa Escolinha, mais ou menos. Nesse meio tempo joguei campeonatos e treinei em vários lugares ao mesmo tempo. Nesse meio tempo, eu jogava pela escola que estudava, ganhei uma bolsa para jogar campeonatos por outra escola.

P.J. – Tu lembra em qual colégio começou a jogar?

G.B. – Eu comecei a jogar pelo Maria Imaculada², que fica em frente ao Beira-Rio³. E ganhei bolsa para jogar no Colégio Farroupilha, em cima do bairro Três Figueiras. Desde então eu jogava futsal pelo colégio Farroupilha e campo pela Escola da Duda. Quando eu

¹ Eduarda Marranghelo Luizelli.

² Colégio Maria Imaculada.

tinha 14 anos a Duda não tinha mais o nome do Inter⁴ junto, passou a ser Porto Alegre, assim a gente começou a treinar no Instituto do Ronaldinho Gaúcho que era longe. Nesse meio tempo, joguei o Gaúchão⁵ com a Duda e nesse mesmo ano saí da escolinha e fui para o Grêmio.

P.J. – Era ela quem comandava os treinos?

G.B. – Não. Ela era só dirigente. Quem comandava os treinos, geralmente eram dois técnicos, um técnico-tático e o outro é preparador físico.

P.J. – Tu te lembra dos nomes deles?

G.B. – Gelsius⁶ e Tatiele⁷. Então eu fiquei jogando pelo Farroupilha, só futsal e campeonatos escolares. E resolvi entrar no Grêmio que é o rival da Duda há muito tempo. Semana passada eu recebi a notícia que a Escolinha do Grêmio fechou. Então só tem a Escolinha da Duda por enquanto. Desde então estou jogando, de 2011, 2012, voltei pra Duda que agora é Canoas⁸.

P.J. – Os treinos acontecem em Porto Alegre?

G.B. – Os treinos acontecem em Canoas porque o patrocínio é da prefeitura de Canoas. Todos os treinos são em Canoas. Isso é muito difícil porque o futebol feminino não tem espaço com o campo. É muito difícil achar um campo que seja só para futebol feminino, não existe, então o futebol feminino acaba se retirando de Porto Alegre e indo treinar nas cidades mais próximas: Canoas, Gravataí⁹.

P.J. – Esse campo é da prefeitura de Canoas?

³ Estádio do Sport Club Internacional.

⁴ Sport Club Internacional.

⁵ Principal campeonato regional de futebol, disputado entre clubes do Rio Grande do Sul.

⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Cidade do Rio Grande do Sul localizada na grande Porto Alegre.

⁹ Cidade do Rio Grande do Sul localizada na grande Porto Alegre.

G.B. – É da prefeitura, fica no Parque Getúlio Vargas.

P.J. – Quais as principais competições que tu participou aqui no Rio Grande do Sul?

G.B. – Participei do Gauchão que é o principal campeonato feminino de futebol de campo, participei pelo colégio das olimpíadas escolares brasileiras, nós representamos o Rio Grande do Sul, participei de um dos maiores campeonatos escolares que existe que é a Paquetá e fomos tetracampeãs Paquetá, participei da Liga de Futsal de Porto Alegre, participei de todos os metropolitanos, de todos os campeonatos da prefeitura. Tenho uma passagem pelo técnico da seleção italiana de futebol feminino, é uma colônia de férias que acontece em Porto Alegre do Milan Junior Camp¹⁰. Eu fui destaque nesta colônia, eu era a única menina que jogava.

P.J. – E os times que tu participou tu jogava com os meninos?

G.B. – Jogava. Nessa colônia se fica duas semanas, isolada, e eu jogava com os guris. Tiveram que inventar um prêmio para os guris porque era impossível uma guria ganhar dos guris um prêmio de destaque, então como eu ganhei de destaque eles inventaram o prêmio de melhor jogador, pois como eu já era o destaque precisava de um prêmio para os guris.

P.J. – Nesses campeonatos que tu participaste pela escola e agora que tu vens participando pelo Inter, tu recebeu algum patrocínio, alguma ajuda financeira para jogar?

G.B. – Não. No futebol feminino, no Brasil, a gente não recebe nada. Temos que pagar para jogar praticamente. Em alguns clubes se paga para jogar. No meu caso e no Canoas nenhuma menina paga para jogar.

P.J. – Sobre o teu plano de ir para o exterior jogar futebol, como é que funcionou esse processo, como tu teve esse contato?

¹⁰ Programa de férias temático de futebol desenvolvido pela Associazione Calcio Milan e praticado por meninas e meninos.

G.B. – Como jogo com a Duda desde pequena, a Duda já me conhece há bastante tempo, ela tem muitas pessoas que já jogaram no Brasil e foram para o exterior. Então são pessoas que tem influência no futebol americano. Acabou que eu fui para lá por um convite dela pra ter o sim de uma universidade de lá, ou seja, eu fui para lá para treinar junto com as americanas, para jogar alguns jogos e ter o sim. Por exemplo, a qualquer momento que eu queira ir para lá, é só ir. Preciso apenas fazer a prova Toefl e ir pra faculdade de lá.

P.J. – Tu foste este ano para lá?

G.B. – Fui agora para conseguir o sim. No começo de março. Volto pra lá, em definitivo, em 2016.

P.J. – Sabe qual a equipe que defenderá?

G.B. – Eu vou defender uma equipe, que não lembro bem o nome, mas fica em Concord¹¹, há duas horas de São Francisco¹² mais ou menos, na Califórnia.

P.J. – E lá tu sabes se vai receber algum salário, alguma bolsa para jogar futebol?

G.B. – Lá tu recebe a bolsa da faculdade e recebe mais um salário que equivale por volta de três mil dólares por mês.

P.J. – Tu me disse que recebeste uma convocação para a seleção brasileira. Quando foi essa convocação, como aconteceu?

G.B. – É muito difícil alguém convocar gurias gaúchas. Porque o técnico da seleção brasileira feminina pode ser técnico de qualquer time, não precisa ser exclusivamente da seleção. E o técnico desta seleção que eu fui convocada era técnico do Santos¹³ também. Ele veio ao Rio Grande do Sul fazer uma peneira com as gaúchas, mas eu tinha 14 anos e ele tava pedindo para a seleção sub-20. Depois de fazer todos os testes ele me chamou e falou que eu estava convocada, mas que ele não sabia se eu iria ser chamada para treinar na

¹¹ Cidade dos Estados Unidos.

¹² Cidade dos Estados Unidos.

Granja Comary pela minha idade. Foi uma experiência gigantesca. No entanto acabei não sendo chamada. Ele não convocou nenhuma gaúcha. Depois disso, teve o listão e não tinha nenhuma gaúcha, só tinha paulista e carioca.

P.J. – Em que ano isso aconteceu?

G.B. – Foi em 2010.

P.J. – Tu enfrentou alguma dificuldade durante a tua carreira no futebol?

G.B. – O futebol feminino sofre muito preconceito tanto da sociedade quanto de algumas pessoas dentro do futebol por não estar no padrão de algumas meninas que estão jogando. Eu sou muito feminina, de acordo com as outras gurias, então eu sofro por causa dessa discriminação delas e da sociedade. Eu estava comentando, esses dias, com a Bruna¹⁴, eu acho, que a pior coisa pra mim é comprar chuteira porque tu parece um “ET” dentro da loja, é horrível, a pior coisa é comprar chuteira. E essas coisas acontecem até quando se vai escolher os times em um jogo. As pessoas acabam não percebendo, mas qualquer guria mesmo que jogue muito, será a última a ser escolhida entre os guris. Ou por exemplo, quando é preciso tirar algum jogador do time, a guria será tirada, não irão tirar um guri. Isso acontece sem a gente perceber, mas estamos sofrendo um preconceito dentro dessas atitudes. Ou quando eu ia jogar pelo colégio, perguntavam qual esporte eu fazia e eu respondia dizendo que era futebol, as pessoas perguntavam: “Por que tu jogas futebol se tu é guria?” Então são coisas pequenas, mas quem joga sente. É bem complicado.

P.J. – E a tua família, como reagiu quando percebeu teu interesse pelo futebol?

G.B. – A minha família me apoia desde sempre, todos os primos e primas. Eu já tive uma prima que jogava. Então eles me apoiam sempre. Eu sempre levo o meu jeito feminino para meio que me destacar no meio das gurias, porque diversas vezes me perguntaram se eu era um guri, se eu me dopava porque não é possível uma guria jogar tanto. É bem

¹³ Santos Futebol Clube.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

complicado essas coisas, mas a minha família sempre me apoiou, desde quando eu era pequena.

P.J. – Tu disseste que foi destaque na colônia de férias que tu participaste. Como era tua relação com esses meninos que também participavam da colônia, que jogavam contigo?

G.B. – Eu sempre joguei com meninos, até hoje eu jogo com os meninos. Não me importo de jogar com eles, eles não gostam de perder para mim, eu também não gosto de perder para eles. A minha relação sempre foi muito boa. É claro que eles sempre irão usar bastante força comigo porque eles não querem perder para uma guria, mas sempre em tom de brincadeira.

P.J. – Tem algum momento que tu gostaria de destacar que seja o mais importante, o mais marcante para ti?

G.B. – Mais importante. [pequena pausa para reflexão] Acho que a minha saída para o exterior, ter recebido o sim de uma embaixadora da FIFA e de uma pessoa que já foi a segunda melhor jogadora do mundo antes da Marta¹⁵. Eu percebi o quanto que eu jogo futebol porque eu não sabia o quanto eu jogava. Jogando no Brasil eu sei o quanto eu jogo, só que chegando lá o futebol é totalmente diferente. Tu não sabes o que vai acontecer lá. E ouvir de uma embaixadora da FIFA que eu jogo mesmo, foi um prêmio, praticamente.

P.J. – Tu lembras o nome dela?

G.B. – A Sissi, jogava na seleção.

P.J. - Nesse período que tu vais ficar nos EUA, tu pretende voltar e seguir a tua carreira ou tu queres ficar por lá?

G.B. – Carreira de futebol, se eu voltar, continuarei no Canoas, como sempre. Mas eu não sei ainda, está bem indefinido. Acho que vou continuar lá. Eu volto para fazer a faculdade no Brasil, pois ainda não coloquei em minha cabeça essa coisa de fazer faculdade fora e

perder todo mundo. É muito fácil dizer assim: “vai”. Todo mundo que está fora diz pra eu ir, que é uma grande oportunidade. No entanto têm muitas coisas envolvidas, eu sou nova, tem família envolvida, tem faculdade, não quero perder minha turma de jeito nenhum, as pessoas que são minhas amigas, quando eu voltar poderei perder. É bem complicado isso. Eu estou indo em dezembro para jogar, mas quando eu voltar, volto para o Inter e para a UFRGS¹⁶, com certeza.

P.J. – Tu gostaria de seguir carreira profissional no futebol?

G.B. – Teoricamente eu já levo uma carreira profissional. Não recebo salário, mas levo uma carreira profissional, pelos treinos, por ter que sempre pensar no futebol, cumprir horários, tendo várias oportunidades, de diversos países de ganhar dinheiro e eu não estou aceitando nenhuma. Já recebi proposta da Itália, Portugal, EUA. Aqui no Brasil recebi proposta de São Paulo, Rio de Janeiro. Eu não fui para nenhum lugar. Então eu já poderia ser profissional, mas por enquanto acho que sou muito nova ainda, mesmo que carreira de atleta seja curta, eu acho que sou muito nova para sair assim e não voltar mais porque quanto você sai para fora, por exemplo, para os EUA, é muito difícil voltar porque lá a qualidade dos campos, treinos é maior. O governo te ajuda, a sociedade te coloca como jogadora. É totalmente diferente, a gente se sente uma profissional da área, aqui no Brasil não me sinto assim.

P.J. – Tem mais alguma experiência importante que tu queira compartilhar?

G.B. – Experiência? Poderia me dar alguma ideia para que eu tente me lembrar?

P.J. – Algum fato que tenha acontecido nos campeonatos que tu participou, nos treinamentos, alguma coisa que tenha sido marcante que te deixou feliz ou triste...

B.P. – Alguma vitória marcante.

¹⁵ Marta Vieira da Silva.

¹⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

G.B. – [pequena pausa para reflexão] Muito difícil eu tentar me lembrar de mais alguma coisa, mas só de treinar e conhecer a Duda, para mim, já é uma satisfação gigantesca.

P.J. – Como profissional de Educação Física, tu pretende trabalhar com futebol?

G.B. – Não pretendo. Já trabalhei no semestre passado, mas não pretendo seguir. É muito complicado isso, principalmente uma mulher dando treino de futebol para homens, ou mesmo sendo para mulheres. Hoje da Escolinha da Duda, 20% de 1000 alunos são mulheres o resto são homens, então é muito difícil essa área. Eu quero seguir na área de reabilitação médica, não no futebol. No futebol só como atleta mesmo. Profissional de futebol, não dando aula de futebol.

P.J. – Tem mais alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de destacar?

G.B. – Gostaria. A diferença do Brasil e EUA. Como eu fui para os EUA recentemente. O Brasil, como eu já falei não possui patrocínio nenhum para o futebol feminino. Tens que correr atrás para conseguir patrocínio e mesmo assim, às vezes tem que dar dinheiro para o patrocinador pra ele colocar um símbolo na tua camiseta. Não temos lugar para treinar, cada treino é em um parque diferente. A federação, no Gauchão, os jogos que são fora de casa, como não temos nenhum apoio, a gente dorme dentro de galpões, em colchões no chão. Já nos EUA, o gramado, para o treino das gurias é um tapete, se assemelhava com o gramado do Beira-Rio, isso que acontecia em um parque municipal. As bolas eram todas novas, não havia nenhuma velha. O governo te ajuda muito lá, as gurias te respeitam muito, não importa quem tu és, ou onde tu já jogou. O padrão de treino de lá é muito diferente, lá se treina técnica de raciocínio, jogo rápido. Aqui no Brasil se treina as habilidades de si, não se treina aquilo. O padrão das jogadoras nos EUA é só físico, aqui no Brasil a gente mal corre em volta do campo. Então é uma diferença gigantesca de um futebol para o outro. Acho que é por isso que o Brasil nunca consegue ganhar dos EUA, na final de Olimpíadas. E acho que nunca vai ganhar. Essa é a minha mentalidade. As brasileiras são melhores, mas quem deixa elas piores é o governo, não tenho dúvidas disso. A habilidade das brasileiras é muito superior mesmo, mas infelizmente ninguém ajuda.

B.P. – Essa tua ida para os EUA foi toda custeada por ti?

G.B. – Foi, essa ida foi, mas a próxima não vai ser. Essa foi porque eu queria ir pra lá, com ajuda da Duda pois ela tem os contatos, mas quem pagou fui eu.

P.J. – Em que categoria tu irá jogar lá?

G.B. – Eu jogo no adulto já.

P.J. – Tem algum campeonato previsto para jogar, lá?

G.B. – Eu iria jogar o campeonato regional deles que é agora em março, mas eu voltei uma semana antes de começar. Em julho tem o Nationals, que é o campeonato nacional deles.

P.J. – Geórgia, em nome do Centro de Memória do Esporte eu te agradeço pela tua disponibilidade para nos dar essa entrevista, nos colocamos a disposição para o que tu precisares e te desejamos sorte lá nos EUA.

G.B. – Obrigada também.

[FINAL DA ENTREVISTA]